

O brincar como recurso de promoção à saúde em psicoterapia

Playing as a resource of promotion to health in psychotherapy

Ellen Fernanda Klinger, Georgia Verônica Barcelos, Wesley Alves Azevedo, Daniela Ponciano Oliveira

Resumo

Este estudo buscou investigar a eficácia da técnica do brincar no meio clínico, em uma criança que apresentava comportamentos de agressividade; além de descrever as fases do processo psicoterápico infantil e apontar dificuldades e facilidades em trabalhar com tal técnica dentro do *setting* terapêutico. Este trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa, tendo como fonte principal de pesquisa os conteúdos das sessões ludoterápicas de um sujeito do sexo masculino, com quatro anos. A partir do processo psicoterápico verificou-se um avanço no desenvolvimento da criança; o diálogo no lugar dos gritos e o uso da imaginação, da criatividade e do simbolismo durante as brincadeiras. Portanto, considera-se que a técnica do brincar foi eficaz quanto ao comportamento agressivo apresentado pelo sujeito do caso.

Palavras-chave

Simbolismo, família, lúdico.

Abstract

The objective of this study was to investigate the efficacy of the technique of playing in the clinical setting, with a small child who showed aggressive behavior; besides to describe the stages of child psychotherapy process and point out the difficulties and skills in working with such a technique inside the therapeutic setting. This study was conducted from a qualitative, exploratory research, the main source of research content of ludoterápicas sessions of a young boy with four years old, with four years of age. From the therapeutic process was verified breakthrough in child development; dialogue instead of screaming and the use of imagination, creativity and symbolism during play. Therefore, it is considered that the technique of playing study was effective against the subject case.

Keywords

Symbolism, family, ludic.

Ellen Fernanda Klinger

Universidade de Gurupi

Docente no Curso de Psicologia do Centro Universitário UnirG; Doutoranda em Psicologia pela PUC GO; Mestre em Distúrbios da Comunicação Humana pela UFSM; Especialista em Transtornos do Desenvolvimento na Infância e na Adolescência: Abordagem Interdisciplinar pela Faculdade Dom Alberto/Centro Lydia Coryat.

klingerellen@gmail.com

Georgia Verônica Barcelos

Universidade Candido Mendes

Pós-graduanda em Pedagogia Empresarial e Dinâmica de Grupo pela Universidade Candido Mendes, Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário UnirG.

georgiabarcelos@hotmail.com

Wesley Alves Azevedo

Psicólogo

Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário UnirG.

weslwyfoggopi@hotmail.com

Daniela Ponciano Oliveira

Universidade de Gurupi

Acadêmica do curso de Psicologia.

Introdução

Os primeiros trabalhos em psicanálise com crianças iniciaram de forma indireta, através das observações de Freud quanto o brincar do neto frente à ausência materna e das orientações ao pai do caso intitulado Pequeno Hans¹. Na história da psicanálise com crianças, destacam-se vários nomes importantes como de Anna Freud, Melanie Klein e Hermine von Hug-Hellmuth, pioneiras da psicanálise infantil (STÜRMER, 2009).

É no interior da psicanálise que surgem as primeiras formulações acerca da utilização do lúdico como técnica/método terapêutico na clínica com crianças. Tal teoria mostra o lugar do brincar na constituição do sujeito e enfatiza que as atividades lúdicas, representam de modo simbólico as fantasias, e as experiências vividas na infância. Dessa maneira, a partir das formulações de Klein e Winnicott, o brincar ganha lugar de destaque no meio clínico em psicanálise infantil e torna-se instrumento terapêutico para a criança expor situações ou vivências, pois facilita a expressão da realidade psíquica da criança (FELICE, 2003).

Para Klein (1969), enquanto a criança brinca, ela experimenta emoções e fantasias, sendo a brincadeira uma maneira de expressar o seu mundo interno. De forma complementar, Winnicott (1982; [1975]) compreende que o ato de brincar na psicoterapia, além de proporcionar um melhor desenvolvimento, pode também incorporar valores morais e culturais. Desta forma, na clínica se efetua na sobreposição de duas áreas diferentes do brincar, a do paciente e a do terapeuta. Pois, neste contexto a psicoterapia trata de duas pessoas que brincam juntas; e em consequência, onde o brincar não é mais possível, o trabalho do terapeuta será direcionado no sentido de trazer o paciente de um estado onde o mesmo não consegue brincar para um estado que seja capaz.

Desta forma, o brincar facilita o crescimento e a saúde; conduz aos relacionamentos grupais; e pode ser uma maneira de comunicação na psicoterapia, sendo que a abordagem psicanalítica foi desenvolvida como meio altamente especializado do brincar, a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros (WINNICOTT, 1975).

Estudos que demonstram o manejo clínico de técnicas são de grande relevância, pois através dos mesmos é possível averiguar as dificuldades e as facilidades frente ao trabalho psicoterapêutico. Além de proporcionar aos profissionais de outras áreas, como da educação e saúde, conhecimento quanto ao desenvolvimento da criança.

Dentro desta perspectiva, o objetivo desta pesquisa foi de esclarecer a eficácia da técnica do brincar no meio clínico, enquanto ferramenta de orientação psicanalítica, em uma criança pequena que apresentava comportamentos de agressividade. Mais especificamente, buscou-se descrever o desenrolar da terapia dentro da abordagem escolhida, demonstrando durante as brincadeiras as fases do processo psicoterápico infantil, e apontando dificuldades e facilidades em trabalhar com a técnica do brincar dentro do *setting* terapêutico.

Metodologia

A pesquisa foi realizada a partir de um estudo de caso, que consistiu em uma investigação qualitativa exploratória, tendo como fonte principal de pesquisa os conteúdos das sessões ludoterápicas, com as entrevistas com os responsáveis pelo paciente. Conforme os objetivos propostos, realizou-se também uma pesquisa bibliográfica, com a finalidade de relacionar este material com a análise de um caso específico. É importante destacar que a

1

Célebre caso de Freud, no qual o autor aborda a fobia em um menino de quatro anos com riqueza de detalhes acerca da teoria da sexualidade infantil. Freud nunca chegou a atender a essa criança, sendo as informações disponibilizadas pelo pai desse, o qual foi orientado de como proceder (FREUD, 1996 [1909]).

fundamentação teórica utilizada teve embasamento na abordagem psicanalítica.

A coleta de dados foi realizada através de atendimentos ludoterápicos semanais com uma criança do sexo masculino, com quatro anos, realizados durante estágio em uma Clínica Escola de Psicologia. Ao todo, ocorreram 19 sessões com o menino. Também foram realizadas três entrevistas com familiares, e quatro atendimentos em conjunto com os pais (pai/filho e mãe/filho). Foram feitas as transcrições dos atendimentos ludoterápicos e das entrevistas com os familiares, além da leitura e releitura destas, com o intuito de identificar fatos clínicos relacionados com os objetivos propostos neste trabalho.

Quanto aos procedimentos éticos é importante ressaltar que o estudo fora aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, (Plataforma Brasil; protocolo nº 755.306) em atenção a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS 466/2012). O local escolhido para a realização da pesquisa, conta com um termo de consentimento próprio, onde os usuários dos serviços são informados de que poderão participar de pesquisas, se houver necessidade. No entanto, também foi elaborado um segundo termo exclusivo para o pai do sujeito esclarecendo todo o procedimento da pesquisa. Para proteger a identidade da família, foi usado o nome fictício de “Gustavo” para o menino, para o pai, mãe avó, serão utilizados os mesmos termos “pai” “mãe” e “avó”.

Esta pesquisa apresentou riscos mínimos: o que poderia ocorrer para a família da criança concerne às expectativas com relação aos atendimentos, além de insegurança e desconforto. No entanto, de modo a minimizar tais dificuldades, foram realizadas devolutivas durante o processo psicoterápico, a partir da autorização do paciente.

Como benefícios, este estudo proporcionou: melhor desenvolvimento para a criança; minimização do comportamento agressivo; melhora no relacionamento familiar; além de experiência para benefícios de outros profissionais da área. Considera-se relevante que, por ser um trabalho realizado com uma criança, também teve um caráter preventivo, visto que a mesma ainda se encontra em processo de formação intelectual e psíquica.

Para o desenvolvimento do artigo foram utilizadas vinhetas dos atendimentos realizados com a criança, bem como fragmentos de entrevistas com a família, fazendo uma relação entre achados clínicos com o referencial teórico adequado ao tema desta pesquisa.

Resultados e discussão

O caso que será relatado a seguir trata-se da história de um menino de quatro anos, Gustavo (nome fictício), que possui algumas dificuldades com relação a comportamento agressivo, agitação e comunicação. A família da criança buscou atendimento espontaneamente no Serviço Escola de Psicologia no ano de 2013 e os atendimentos psicoterápicos iniciaram em fevereiro de 2014, durante as atividades de estágio curricular. Foram realizados dezenove encontros com a criança; três encontros com os pais e familiares; e quatro encontros do pai ou da mãe em conjunto com Gustavo.

De modo a facilitar a visualização e compreensão do caso clínico, este foi dividido em quatro seções, nas quais o leitor poderá acompanhar a evolução dos atendimentos.

Apresentando Gustavo

Gustavo é um menino de quatro anos, pequeno e franzino. Sempre saltitante, com olhar esperto e entusiasmado. Corre por toda parte, pega todos os objetos possíveis, e encanta a todos com seu olhar carinhoso.

A avó paterna buscou ajuda para a criança devido à mesma apresentar comportamentos agressivos e dificuldades quanto à fala. Há algumas semanas Gustavo havia iniciado os atendimentos com uma fonoaudióloga, e no mesmo período começou a frequentar a escola.

Gustavo nasceu de uma gravidez não programada, pois seus pais não tiveram um relacionamento estável, e desde que o menino veio ao mundo, este foi exposto a várias situações desconfortáveis e impactantes ao seu desenvolvimento. Aos dois anos sua mãe deixou-o na casa dos avós paternos para fazer uma viagem, porém, quando retornou julgou que seria melhor este continuar aos cuidados do pai e dos avós. Assim, a criança passou a visitar sua genitora apenas aos sábados.

As sessões iniciais

Ocorreu uma entrevista inicial com pai do menino. Após estabelecido o contrato, iniciou-se a psicoterapia com a criança.

Gustavo chegou à primeira sessão, acompanhado pela avó, com a cabeça baixa, quieto, sem falar nada e seguiu a terapeuta até o *setting*. Deslumbrado pela quantidade e diversidade de brinquedos na sala, começou a retirar todos esses do armário e dramatizar cenas de acidentes. Enquanto o menino pegava os brinquedos da prateleira a terapeuta contou e encenou uma pequena estorinha através do livro “O primeiro livro da criança sobre psicoterapia” (NERMIROFF; ANNUNZIATA, 2009). No entanto, a criança não demonstrou interesse e continuou a explorar o material lúdico sem muita interação com a terapeuta.

Sobre o atendimento de crianças, Campanário (2008) postula que a psicoterapia infantil deve deixar a criança livre para se expressar da forma que lhe convém. Implica-se ainda, que os primeiros encontros da psicoterapia com crianças são de avaliação, período em que o terapeuta deve buscar compreender todo o contexto em que o paciente se encontra, funcionamento e organização da família como hábitos, rotinas, valores e costumes, assim como o desenvolvimento da criança, recursos egóicos e fantasias (CASTRO; CAMPEZATTO; SARAIVA, 2009).

Passadas algumas sessões, a terapeuta sugere que a criança faça um desenho. Gustavo faz alguns rabiscos em um papel usando cores escuras (preto, verde-escuro e azul-marinho).

- *Terapeuta: O que você desenhou?*

- *Gustavo: Miumiu, um monte de Miumiu. Ele é feio, não gosto dele.*

Conforme dados coletados durante anamnese com a avó paterna, Gustavo chamava de “Miumiu” o gato que ficava na casa da família. A avó também confidenciou que a criança não gostava do gato e passava o dia correndo atrás e batendo nesse. Durante a noite, Gustavo não conseguia dormir dizendo imaginar e, por vezes, sonhar que o gato viria lhe pegar. Entende-se que durante os sonhos o menino estava canalizando suas vivências, ou seja, numa alternativa de amadurecimento do comportamento agressivo, a criança passava a sonhar (WINNICOTT, 1982 [1975]).

Algumas sessões adiante, Gustavo começou a identificar Miumiu em bonecas, ursos de pelúcia e até mesmo em um palhaço que desmontava. Quando ele via tais brinquedos, os jogava no chão, e dizia que eram feios e que não gostava dos mesmos. Com relação ao conteúdo apresentado no brinquedo do paciente, o mesmo expressa suas vivências conflituosas e

projeta nos brinquedos e no ato de brincar, o que corrobora com o que Winnicott relata em seus estudos e o brincar é baseado na aceitação de símbolos, que contém possibilidades infinitas, e torna a criança capaz de experimentar tudo o que se encontra em sua íntima realidade psíquica, pois tudo isso, é à base do sentimento e da identidade em desenvolvimento (WINNICOTT, 2005; [1975]).

Ainda nas primeiras sessões, foi percebido pela terapeuta a raiva e agressividade de Gustavo, quando falavam sobre sua semana e sua casa. Em uma ocasião, a estagiária sentiu que precisava conversar com a avó de Gustavo, já que era ela quem sempre acompanhava a criança à terapia.

- *Terapeuta: Gustavo o que você acha de na próxima sessão eu conversar um pouquinho com sua vovó?*

- *Gustavo: Não! Não chama ela porque ela vai te bater.*

Essa visão que Gustavo faz da atitude da avó reflete a relação conflituosa no meio familiar, o que indica indícios de um ambiente punitivo e agressivo. Esse comentário que indica uma relação à agressão em crianças, na perspectiva da psicanálise winnicottiana, pode ter dois significados, constituindo direta e/ou indiretamente uma reação à frustração, ou, então, ser uma das muitas fontes de energia de um indivíduo (WINNICOTT, 1982 [1975]).

Na sessão seguinte, Gustavo chegou ainda mais enfurecido, pegou arminha de brinquedo e disse que iria matar todos, o pai, a avó, o avô e até mesmo a terapeuta. A única pessoa que ele não mataria era mãe.

Espantada com toda fúria apresentada por Gustavo questionei o que ele havia feito naquela semana.

- *Gustavo: É peia, É peia. Peia no Miumiu.*

O que se percebe mais uma vez é a representação de Gustavo com relação a suas vivências, e externalização de seus conteúdos internos.

Ao fim de cada sessão, Gustavo se recusava a recolher os brinquedos, gritava, rolava no chão, e em algumas vezes saía correndo da sala, demonstrando não suportar o momento. O comportamento do menino evidenciou a angústia em vivenciar o momento de guardar os brinquedos e enfrentar a separação do fim da sessão, o que pode ser associado à separação materna, dessa forma, ficou claro que a maneira com que Gustavo lidava com a situação angustiante, era com comportamentos agressivos e infantilizados. Neste sentido, é relevante citar Affonso (2012a), quando relata que a criança repete, repete e repete o brinquedo, as ações e manipulações até ser compreendida, quando o terapeuta entende e conversa a respeito, a partir daí ela muda o sentido da brincadeira e há uma melhora da sua angústia ou sintoma. Conforme a terapeuta foi observando essas repetições, contribuiu diretamente na interpretação e elaboração das sessões seguintes.

Na sessão seguinte, Gustavo chegou ansioso para a psicoterapia. Ao adentrar no *setting* pegou o palhaço e desmontou o brinquedo com muita raiva, jogou as partes para todos os lados e gritou “Miumiu” (sic). Em seguida o menino pegou uma moto colocou uma boneca na garupa e começou a empinar.

- *Terapeuta: Quem é esta boneca?*

- *Gustavo: É a vovó. Iiihh ela caiu e se quebrou toda.*

- *Terapeuta: Você vai levá-la para o hospital?*

- *Gustavo: Não.*

Conforme Gustavo trazia e verbalizava suas fantasias durante a sessão, percebe-se a agressividade que era referida a sua relação com a avó, ou ainda ao suposto Miumiu. De acordo com Winnicott (2005; [1975]), os dois

principais elementos que constroem as relações humanas são o amor e ódio. Ambas envolvem agressividade; por outro lado, a agressão também pode ser um sintoma de medo. Como de fato Gustavo colocava essa ambivalência de sentimentos em relação à sua avó, e às figuras de apoio; trazia elementos simbólicos dessa relação, colocar a boneca que representa a avó na moto, significa que quer tê-la por perto, ao mesmo tempo, ela cai e se quebra, o que demonstra todo o sentimento agressivo que envolve essa relação.

Ainda nesta sessão, a terapeuta percebeu alguns arranhões nos braços da criança. Quando perguntou ao garoto o que havia acontecido, ele gritou, e começou a fingir ser um monstro que vinha pegar a terapeuta. Corroborando com o ponto de vista de Pinho (2001), a atividade lúdica infantil é um ponto necessário para que a possibilidade infinita do deslizamento possa ser exercida, sendo o brincar uma experiência que leva a criança a apropriar-se da sua inscrição no universo simbólico. Dessa maneira, Gustavo não respondeu verbalmente a terapeuta, mas expressou com gritos e a representação de um monstro que pega a terapeuta, simbolizando a situação que lhe provocara os arranhões.

Ao final da sessão, Gustavo saiu querendo levar um brinquedo, e quando repreendido chorou, gritou e saiu da sala correndo e pulando nas cadeiras da recepção. Não quis se despedir e foi embora muito bravo. E assim, seguiam as sessões e a terapeuta se tornava cada vez mais continente com toda aquela situação, angustiante e conflituosa. Tal colocação pode ser compreendida como a contratransferência de reações inconscientes da terapeuta à transferência do paciente (STÜRMER; CASTRO, 2009).

A participação do pai na psicoterapia

Diante do comportamento de Gustavo, que corria e gritava muito durante as sessões, sendo um paciente que dispunha bastante energia de trabalho, a terapeuta resolveu mudar os horários dos atendimentos para um horário menos movimentado na clínica escola. Essa resolução é baseada na pesquisa de Meira (2009), que indica que o psicoterapeuta deve ter cuidado na distribuição dos horários, deixando pacientes que desprendem mais energia em horários mais tranquilos.

A estagiária também solicitou que o pai da criança acompanhasse o filho, já que Gustavo havia permitido que a terapeuta falasse com seu genitor. Foi considerada a importância paterna nesse momento para a evolução clínica da criança. Com relação à presença de familiares no processo psicoterapêutico infantil, Boneberg, Sousa e Ferreira (2012) postulam que a participação dos pais é de suma importância, visto que geralmente são os pais que reconhecem quando algo não está bem e procuram ajuda de um profissional. Porém, a relação de trabalho com a criança deve ser bipessoal, mantendo a opinião de que a partir da melhora da criança se pode condicionar uma modificação real no ambiente familiar (ABERASTURY, 2012).

Assim, com o ambiente bem mais calmo, e acompanhado pelo pai, o garoto chegou para terapia alegre e sorridente, nem parecia o mesmo, mostrando o capacete novo que seu genitor havia dado. Ao entrar no consultório, Gustavo começou a pegar os brinquedos já de costume: uma moto, alguns carrinhos, um trator e o palhaço. Como o pai havia ficado na recepção, o menino pediu para mostrar os brinquedos ao mesmo.

Juntamente com a terapeuta a criança fora até a recepção e convidou o pai para conhecer o *setting*. Percebeu-se que o pai não interagia com o filho, só observava o menino pegando os brinquedos, mostrando e devolvendo aos seus lugares. Na ocasião, a terapeuta falou sobre a importância da figura paterna na vida da criança, e o quanto Gustavo havia mudado a partir da presença do pai.

Ao terminar a sessão, Gustavo não queria guardar os brinquedos, mas a partir de um pequeno diálogo, este ajudou a recolher todos os objetos e se despediu com um beijo no rosto da terapeuta, sorrindo e feliz ao lado de seu pai.

A evolução de Gustavo e suas representações no brinquedo

Em consequência do simbolismo do menino, a terapeuta resolveu contar uma estória para Gustavo: “A festa no céu”, da autora Lago (2009), que traz o conto folclórico de uma tartaruga muito levada que caiu do céu e teve seu casco partido em pedacinhos, o qual foi colado com a ajuda dos animais da floresta. Tal escolha pelo conto deve-se ao conteúdo presente no seu brincar em que remete a um sujeito dividido, machucado e fragmentado.

Enquanto a terapeuta contava a estória, o menino pegou uma fazendinha e alguns animais e espalhou pelo chão. Não parecia prestar muita atenção. Ao fim da estória, a terapeuta o convidou para montarem uma tartaruga. Juntos terminaram o trabalho e ao fim da sessão o pequeno garoto recolheu os brinquedos, guardou-os e fechou as porteiças da fazendinha.

Na seguinte sessão, Gustavo brincou que ele era um médico, dramatizou uma cena de acidente, a qual sua terapeuta havia sido atropelada e ele fez alguns curativos na mesma. Percebe que à medida que a terapeuta cria um vínculo com a criança e demonstra entender os conteúdos que a mesma vem trazendo nas sessões, Gustavo vai se acalmando e o brincar passa a circular para outros conteúdos, ao mesmo tempo, em que se evidencia a sua evolução. Tal aspecto vem a corroborar com os apontamentos de Winnicott (1982; [1975]), de Aberastury (2012) e de Affonso (2012b).

Assim nas sessões que seguiram Gustavo começou a incluir a terapeuta em suas brincadeiras e usar mais o mundo imaginário, diminuindo os gritos e a agressividade durante as sessões.

Ao se deparar com um novo brinquedo no consultório, Gustavo pediu para mostrá-lo ao pai, que entrou no *setting* e começou a brincar com o filho, algo que não acontecia antes. Os dois interagiram até o fim da sessão.

Mais algumas sessões se passaram, e Gustavo começou a identificar o palhaço que se desmontava (antes identificado como o Miumiu) como ele mesmo, assim o menino pegava o palhaço, o despedaçava e jogava no chão; em seguida, continuava sua brincadeira: pegava a fazendinha e despejava todos os animais dentro da mesma, deixando tudo uma bagunça, e ao final da sessão o pequeno guardava a fazendinha e fechava as porteiças, demonstrando que precisava proteger seus conteúdos.

Com base na necessidade de Gustavo em ter seu próprio espaço, a terapeuta resolve utilizar a técnica da caixa lúdica. A caixa representa o mundo interno da criança, o mundo não verbal, contendo as representações inconscientes e as relações com seus objetos (AFFONSO, 2012). Guardam-se os brinquedos em uma caixa, para que estejam do mesmo jeito na sessão seguinte. Assim, em cada encontro a criança acompanha a terapeuta até o local em que a caixa esteja guardada, o que mostra ao paciente que seu material é inviolável e tem a garantia da guarda do terapeuta. Ao final da sessão, os brinquedos são guardados novamente (SIMON; YAMAMOTO, 2012).

Desta forma, nos encontros que se seguiram foi utilizada a caixa lúdica. Além de brincar com os objetos da mesma, o menino também utilizava os brinquedos compartilhados de sua preferência, como a fazendinha e alguns carrinhos.

Ainda no desenrolar das sessões, a terapeuta começou a perceber como Gustavo trazia a mãe para terapia em seu discurso e no brincar, uma mãe boa e idealizada. Então, a terapeuta perguntou se ele concordava que essa o acompanhasse em uma sessão, ao que o menino assente todo feliz.

No dia combinado, a mãe chega acompanhando o garoto. Gustavo, levado como sempre, corre para o consultório puxando a mãe pelo braço para mostrar seus brinquedos favoritos; em seguida pega a caixa lúdica e mostra à genitora.

- *Gustavo: Mamãe nesta caixa tem um Miumiu.*

- *Mãe: Têm o quê?*

Ele abre a caixa, retira o palhaço desmontado.

- *Gustavo: Têm eu.*

Em seguida, a mãe de Gustavo senta no chão junto ao filho e começam a montar a fazendinha juntos. Durante a sessão foi possível perceber a felicidade do garoto em estar ali ao lado de sua mãe, e dela por estar ali com o filho.

Nesta ocasião, Gustavo mostra como estava antes, o Miumiu, cheio de raiva e agressividade; e em seguida ele mostra como se sente naquele momento, o palhaço todo espedaçado, dividido entre o amor do pai e da mãe. Ele sabia que sua mãe estava ali, porém tinha que voltar para casa, pois seu pai estava a sua espera.

Percebi que já havia algumas sessões em que Gustavo pegava a fazendinha e despejava todos os animais dentro.

- *Terapeuta: Estou vendo que sua fazenda está um pouco bagunçada. O que você acha de organizarmos ela juntos?*

- *Gustavo: Vamos, titia me ajuda.*

Juntos organizamos tudo, e Gustavo montou o palhaço e colocou lá, na frente da fazenda.

- *Gustavo: Este sou eu.*

Em situações como esta, Affonso (2012b), postula que é importante a conversa e o diálogo com a criança através de materiais, compreendendo as dificuldades da mesma, pois o brinquedo é um exemplo de atitude que pressupõe a interlocução entre um adulto e uma criança. Quando está mediada pelos brinquedos, tenta dizer suas preocupações e dificuldades.

Na sessão seguinte, Gustavo retira os objetos da caixa lúdica e deixa o palhaço todo despedaçado no chão e deita ao seu lado.

- *Terapeuta: Quem é esse palhaço?*

- *Gustavo: Eu!*

- *Terapeuta: Mas ele está todo despedaçado, às vezes nos sentimos assim né? Você gostaria que eu te ajudasse a montar esse palhaço?*

- *Gustavo: Aham.*

Juntos montamos o palhaço; percebi que Gustavo terminou a sessão mais calmo. Despediu-se sorridente e feliz.

Na análise da vinheta clínica acima, entende-se que algo no mundo interno do paciente havia sido reparado e, semelhante à história da tartaruga que teve seu casco colado com o auxílio dos amigos, a criança demonstra que no seu EU o mesmo começou a ocorrer.

Nas últimas sessões o que se percebe é o avanço no desenvolvimento da criança: o diálogo no lugar dos gritos e o uso da imaginação, da criatividade e do simbolismo na brincadeira de Gustavo. É evidente sua melhora e sua evolução durante o processo psicoterápico.

Ao final deste estudo, alguns aspectos merecem ser considerados, como o uso do brincar e a intervenção no próprio contexto do brinquedo, deixando as interpretações para momentos em que de fato era possível perceber que a criança estava realmente pronta. Portanto, o estabelecimento do vínculo terapêutico foi de suma relevância para o manejo clínico, em que as experiências do paciente foram sustentadas no *setting* ao longo de um tempo, buscando ofertar um ambiente que sustentasse e permitisse o processo de integração do sujeito (WINNICOTT, 1982; 2005 [1975]).

Considerações finais

Por toda a complexidade que envolve o tratamento de crianças pequenas que apresentam comportamentos agressivos e dificuldade quanto à fala, a prática clínica faz com que surjam diversos questionamentos sobre como o terapeuta deve proceder.

Durante a condução das sessões ludoterápicas, foi possível visualizar que era necessário voltar o olhar e a escuta profissional ao paciente, ao modo como ele compreendia cada situação. Em alguns momentos, a terapeuta sentiu-se confusa quanto às suas intervenções, como poderia construir um sentido ao que o menino lhe mostrava. Assim, refletiu-se que era necessário mostrar para Gustavo que entendia o que ele estava sentindo e que se preocupava com isso.

Outro aspecto que veio a contribuir com a evolução do processo psicoterápico foi a percepção da necessidade de uma mudança no horário dos atendimentos e, mais ainda, que os pais precisavam estar mais presentes, mais próximo do filho. Tal mudança foi de grande valia, pois foi a partir desse momento que Gustavo tornou o seu brincar mais simbólico. Concomitantemente, a criança começou a inserir a terapeuta em suas brincadeiras, demonstrando o estabelecimento do vínculo e evidenciando que a aliança terapêutica havia sido firmada.

Com efeito, buscou-se trabalhar através de diálogos compreensivos e estória, demonstrando a criança que a terapeuta o compreendia, conseguia vê-lo como um sujeito com potencial, que poderia sentir-se seguro, pois aquele era seu espaço. A partir desse ponto iniciaram mudanças significativas no processo psicoterápico.

Desta forma, a capacidade da terapeuta em ser continente e estabelecer o vínculo com o paciente, auxiliando-o a sentir-se seguro para a elaboração dos conteúdos que lhe causavam sofrimento psíquico foi aspecto relevante para a melhora observada no paciente.

Através do desenrolar de cada brincadeira, de cada sessão, de cada momentos juntos, o menino foi diminuindo a frequência de seus gritos, a agressividade ao receber um não, e principalmente, seu mundo fragmentado foi se encaixando. Então, acredita-se que a técnica do brincar foi eficaz com relação aos comportamentos agressivos apresentados pelo sujeito do estudo, pois a partir da técnica, Gustavo conseguiu transformar sua raiva e seus gritos, em um brincar simbólico e criativo.

Portanto, considera-se que esta pesquisa atingiu os objetivos a que se propôs, porém, este ainda é um tema amplo a ser pesquisado devido a sua complexidade e à importância de se aprofundar os conceitos clínicos relativos à agressividade em crianças e o manejo clínico em psicoterapia infantil com crianças que apresentam déficits nos recursos verbais.

Sobre o artigo

Recebido: 09/03/2019

Aceito: 13/05/2019

Referências bibliográficas

ABERASTURY, A. **Psicanálise da criança: teoria e técnica**. 8ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

AFFONSO, R. M. L. O brincar, sua evolução e seus possíveis significados. In: AFFONSO, R. M. L. (Org.). **Ludodiagnóstico: investigação clínica através do brincar**. Porto Alegre: Artmed, 2012a. p. 79-99.

AFFONSO, R. M. L. Brincar, significação e representação. In: AFFONSO, R. M. L. (Org.). **Ludodiagnóstico: investigação clínica através do brincar**. Porto Alegre: Artmed, 2012b. p. 39-56.

BONEBERG, C.R.; SOUSA, M. J.; FERREIRA, K. A. Psicoterapia Infantil. **XV Seminário de Pesquisa: Integração de conhecimentos nas diferentes modalidades do saber**. Out./2012. Disponível em: <http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2012/artigos/psicologia/salao/917.pdf>. Acesso em: 04 de set. 2014.

CAMPANÁRIO, I. S. **Espelho, espelho meu: a psicanálise e o tratamento precoce do autismo e outras psicopatologias graves**. Salvador: Ágalma, 2008.

CASTRO, L. K; CAMPEZATTO, P. M.; SARAIVA, L. A. As etapas da psicoterapia com crianças. In: CASTRO, M. G. K.; STÜRMER, A. (Org). **Crianças e adolescentes em psicoterapia: a abordagem psicanalítica**. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 97-115.

FELICE, E. M. de. O lugar do brincar na psicanálise de crianças. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 5, n. 1, p. 71-79, 2003.

FREUD, S. Duas Histórias Clínicas. (1909). In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. X, 1996. p. 135-142.

KLEIN, M. **Psicanálise da criança**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1969.

LAGO, A. **A festa no céu: um conto do nosso folclore**. São Paulo: Editora Melhoramentos, Ed 1, 2009.

MEIRA, A. C. S. Condições essenciais do psicoterapeuta de crianças e adolescentes. In: CASTRO, M. G. K.; STÜRMER, A. (Org). **Crianças e adolescentes em psicoterapia: a abordagem psicanalítica**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

NERMIROFF, M. A.; ANNUNZIATA, J. **O primeiro livro da criança sobre psicoterapia**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

PINHO, G. S. O brincar na clínica interdisciplinar com crianças. In: PINHO, G. S. **Escritos da criança**. n. 6. Porto Alegre: Centro Lydia Coriat, 2001.

SIMON, R.; YAMAMOTO, K. O brincar e a psicanálise: Subsídios à técnica. In: AFFONSO, R. M. L. (Org.). **Ludodiagnóstico: investigação clínica através do brincar**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

STÜRMER, A. As origens da psicoterapia de crianças e de adolescentes na psicanálise. In: CASTRO, M. G. K.; STÜRMER, A. (Org). **Crianças e adolescentes em psicoterapia: a abordagem psicanalítica**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

STÜRMER, A.; CASTRO, M. G. K. A clínica com crianças e adolescentes: o processo psicoterápico. In: CASTRO, M. G. K. STÜRMER, A. (Org). **Crianças e**

adolescentes em psicoterapia: a abordagem psicanalítica. Porto Alegre: Artmed, 2009.

WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a Realidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo** (1975). 6ª ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1982.

WINNICOTT, D. W. **Privação e delinquência** (1975). 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.